

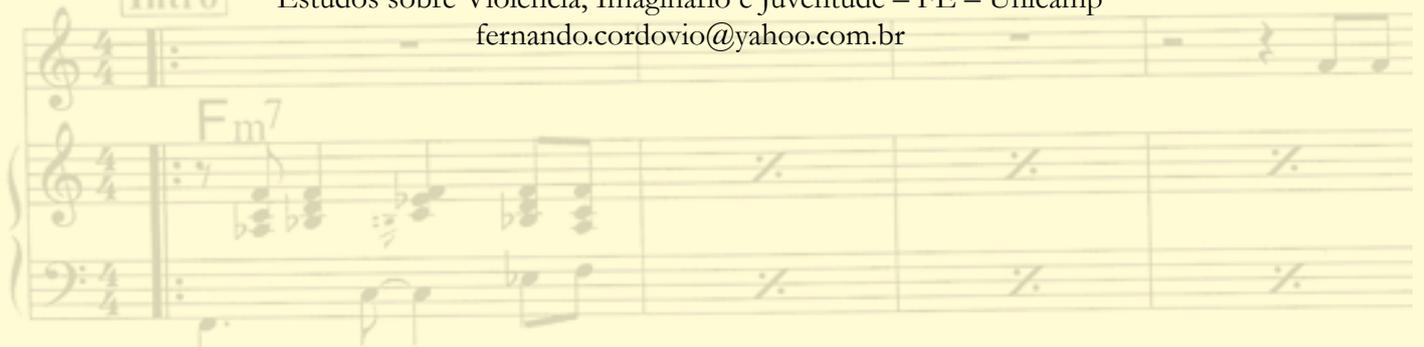
Percurso metodológico: história oral de jovens músicos instrumentistas em Campinas (SP)

Methodological route: oral history of young musicians instrumentalists in Campinas (SP, Brazil)

Cantaloupe Island
Fernando Costa Cordovio

Herbie Hancock

Psicólogo - PUC - Campinas/ Mestre em Educação e Pesquisador do Violar - Laboratório de Estudos sobre Violência, Imaginário e Juventude – FE – Unicamp
fernando.cordovio@yahoo.com.br



Resumo

O presente artigo é parte de pesquisa de mestrado que objetiva compreender sentidos e significados acerca de processos educativos vivenciados por jovens músicos instrumentistas que frequentam uma ONG (Organização Não Governamental) situada em Campinas (SP). O foco aqui apresentado pauta-se na metodologia utilizada na investigação: a história oral. São pormenorizados alguns de seus fundamentos, bem como os recursos audiovisuais – fotografias, vídeos, partituras e músicas em MP3 – utilizados durante as entrevistas como “muletas” da memória. Com esta pesquisa, foi possível constatar a efetividade do percurso metodológico escolhido, considerando, principalmente, o uso desses recursos em virtude da ampla gama de significados e sentidos expressos pelos jovens colaboradores.

Palavras chaves: História Oral - Juventudes – Ensino de música

Abstract

This article is part of master dissertation research which aims to comprehend senses and meanings about educational processes experienced by young musicians instrumentalists who attend an NGO (Non Governmental Organization) located in Campinas (SP). The focus here presented is guided on the methodology used in the research: oral history. They are detailed some of its fundamentals as well as audio visual resources - photographs, videos, music and MP3 music - used during the interviews as “crutches” from memory. With this research, we determined the effectiveness of the methodological approach chosen, considering, mainly, the use of these resources taking into account the wide range of meanings and feelings expressed by the young volunteers of the research.

Keywords: Oral History - Youth - Teaching of Music

Introdução

No intuito de contribuir com o debate acadêmico acerca da temática das juventudes na contemporaneidade, particularmente aqueles atrelados ao lazer, ao consumo e à sociabilidade dos jovens, desenvolvi pesquisa em nível de mestrado na Faculdade de Educação da Unicamp com o objetivo de compreender sentidos e significados dos processos educativos vivenciados por jovens músicos instrumentistas que frequentam uma ONG – Organização Não Governamental – do município de Campinas – SP. Este artigo apresenta algumas considerações acerca da metodologia utilizada, a história oral, e sua efetividade diante do propósito exposto.

As investigações acerca da temática das juventudes em território brasileiro iniciadas na década de 1960 objetivavam a melhor compreensão em relação à inserção e participação dos jovens da classe média de nosso país no cenário político nacional e sua rejeição à condição adulta socialmente imposta, simultânea à identificação do movimento estudantil com as camadas sociais menos favorecidas, despertando o interesse dos estudiosos acerca do potencial transformador daqueles atores sociais.

Mais recentemente, todavia, evidenciam-se significativas alterações nesse trajeto em virtude do surgimento de outros elementos que vêm aguçando os estudiosos que se debruçam sobre a categoria das juventudes, tais como o consumo simbólico juvenil e a ampliação dos mercados de consumo destinados a esta parcela da sociedade por meio das ações das indústrias culturais e de marketing desenvolvidos desde então (ZAN, 2010).

Em estudo que remota ao histórico brasileiro acerca das juventudes, Zan (2010) observa esta alteração nos rumos das investigações enfatizando argumento utilizado por Abramo, segundo o qual o consumo seria uma das dimensões de elaboração identitária e elemento fundamental na construção e na expressão das referências culturais dos jovens das camadas populares. De acordo com Zan,

Se nos anos de 1960 os estudos levavam em conta a inserção dos jovens em processos sociais globais, buscando muitas vezes reconhecer o potencial de determinados segmentos de atuarem enquanto sujeitos de mudanças e transformações sociais mais amplas, para os pesquisadores mais recentes a ênfase recai sobre as particularidades e a diversidade. (ZAN, 2010: p. 9).

Nesse movimento, Brenner, Dayrell e Carrano (2005) destacam a investigação da utilização do tempo livre por parte dos jovens no intuito de compreender seus significados. Em suas palavras: “a dinâmica socio-cultural da vida juvenil expressa, em grande medida, a realidade efetiva dos aspectos que organizam a vida dos jovens nas culturas vividas no lazer e no tempo livre” (Idem: 175). Tais autores denunciam a hegemonia do universo adulto ao considerar o lazer juvenil de forma negativa em relação ao trabalho e contrapõem os momentos de lazer na juventude como “campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais” (Idem: 176).

A partir dessa ótica, Dayrell (2005) alude ao conflito de gerações e identifica uma comunicabilidade deficitária entre as mesmas, aliada ao pretense poder do adulto em relação à juventude, destacando a arte como o grande caminho de inserção social dos jovens: “os adultos, muitas vezes imbuídos de preconceitos em relação ao jovem, não percebem que eles estão propondo outras formas de participação social que têm na arte seu principal veículo” (DAYRELL, 2005: 110).

Dados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” corroboram o valor atribuído pelos jovens quanto ao uso de seu tempo livre e às possibilidades a ele vinculadas no que tange ao seu desenvolvimento como seres humanos. Desta forma, os jovens

Inquiridos sobre a atividade com a qual mais se ocupam nos fins de semana, revelam a alta importância que conferem à circulação e desenvolvimento da sociabilidade ligada à diversão... Além de serem as mais realizadas... são, para a grande maioria, as mais valorizadas... E ainda é possível verificar que nessa categoria reside a maior parte do desejo não atendido (ABRAMO, 2005: p. 54).

Com base em constatações como esta, os acadêmicos brasileiros que se dedicam à compreensão das juventudes passam a se ocupar das inúmeras possibilidades de manifestações artísticas e culturais dos jovens em seu tempo livre, dentre os quais, a investigação que origina este artigo.

O Instituto Anelo

Assim, o objeto deste estudo se refere às atividades desenvolvidas pelo Instituto Anelo, localizado no Jardim Florence II, periferia do município de Campinas – SP. Fundado em 2000 por iniciativa de Luccas, então morador do mesmo bairro, a instituição tem se proposto a “prover acesso à cultura, através do ensino da música, proporcionando conhecimento, integração social e desenvolvimento humano para crianças e adolescentes” (INSTITUTO ANELO, 2010).

Atualmente a instituição atende aproximadamente duzentos alunos na faixa etária dos sete aos dezesseis anos e que compõem parte da população economicamente carente daquela metrópole. Sua localização, nesse sentido, é estratégica.

Suas ações concentram-se em três projetos: *Musicalização* (iniciação musical), *Instrumentos Musicais/Canto* (aulas de diversos instrumentos musicais) e *Prática de Bandas* (encontros de alunos que já dominam seus instrumentos musicais, podendo assim, exercitar sua prática e o trabalho em equipe).

Diante da carência de recursos econômicos, a instituição vem desenvolvendo inúmeras ações cujo sentido é continuar sua jornada focada em seus objetivos e, quiçá, difundir e ampliar suas possibilidades de alcance. Mesmo indicando considerável avanço nesse quesito, visto que parte de seus integrantes vêm desenvolvendo habilidades e se aprimorando na construção de documentos que objetivam pleitear recursos junto à administração pública e à iniciativa privada para custear parte de suas atividades, sua fragilidade econômica ainda se presentifica.

Este é o cenário no qual se encontram os atores que têm, ao longo da última década, desenvolvido ações procurando viabilizar os objetivos a que se propõe essa instituição. Uma particularidade desses sujeitos é seu envolvimento com a música instrumental, procurando estimular o desenvolvimento da mesma ao longo da história institucional. Não é raro nos eventos e recitais nos quais estão envolvidos os jovens alunos e professores o repertório ser composto por esse gênero musical. Inúmeras também são as apresentações de colaboradores de renome da música instrumental brasileira em sua sede.

No intuito de compreender significados e sentidos dos processos educativos vividos pelos jovens ao longo da trajetória institucional, vinculada que está ao gênero música instrumental, utilizo a metodologia da história oral.

História oral

A situação de vulnerabilidade da instituição e o fato de seus componentes e participantes serem jovens configura este espaço como propício para um estudo sobre sua história. Nesse sentido, a importância dessa investigação se evidencia por se voltar a um grupo social que tem vivenciado condições precárias e violentas, segundo dados de pesquisas como a desenvolvida por Zan (2010: p. 151) e que, segundo ela, “tem atingido a maior parte da população na faixa etária dos 15 a 24 anos no nosso país”.

Não uma *História*, baseada em documentos tidos e ditos como “oficiais”, mas uma *história* no sentido apontado por Benjamim (1994: p. 226) ao afirmar que “a tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral”. De acordo com esse autor, “precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade”.

Nessa mesma direção, pesquisadoras como Guedes Pinto e Zan (2003), também apoiadas em autores como Benjamim, Bergson, e Bosi, valorizam a reconstrução da memória e da história por meio da narrativa, argumentando que a última evidencia a complexidade do acontecimento histórico em contraposição à unila-



teralidade de um documento ‘oficial’, valorizando o aspecto descontínuo das pequenas histórias, superando, assim, um ponto de vista determinista e, geralmente, dominante.

Baseada em tais pressupostos, a presente investigação pretende oferecer a possibilidade para que esse grupo, como minoria cultural, encontre espaço que valide e registre sua experiência (MEIHY, 2007).

Como visto, trata-se de uma investigação que vislumbra relatar o caráter histórico de uma instituição e dos atores que fizeram e fazem sua história. Aspira compreender seu nascimento e sobrevivência a partir dos olhares desses agentes, pertencentes a um grupo socialmente excluído, sem perder de vista os significados atribuídos ao gênero musical que ali é aprofundado e difundido: a música instrumental.

Desta forma, ao ancorar-se nas narrativas desses sujeitos, o caráter subjetivo torna-se o foco central das atenções, justamente pelo fato de a história oral nos contar “menos sobre eventos que sobre significados” (PORTELLI, 1997: p. 31) e sentidos.

Assim, a memória, longe de ser considerada “um depósito passivo de fatos”, é tida como “processo ativo de criação de significações”. Suas mutações expressam parte do esforço dos colaboradores na busca pelos sentidos do passado e a procura por dar forma às suas vidas ao mesmo tempo em que as contextualizam no momento da entrevista (PORTELLI, 1997: p. 33).

Em busca desses sentidos e significados acerca dos processos educativos experienciados pelos jovens constituintes da trajetória do Instituto Anelo e da reconstrução de parte de sua história, entrevisto 14 sujeitos que por ali transitam/transitaram. Assim, a entrevista é considerada tal qual a concepção de Meihy (2007) como epicentro da pesquisa, sobre a qual os resultados são efetivados. Os colaboradores da pesquisa são: o fundador da ONG, sua atual presidente, o músico responsável pela inserção da música instrumental na mesma, oito ex-alunos (dentre os quais quatro docentes da mesma) e quatro alunos.

O resultado deste processo é considerado o produto de meu encontro com cada colaborador e a totalidade das narrativas coletadas e (co)construídas. Portelli (1997: p. 35) ilustra esta ponderação ao afirmar que “os documentos de história oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, entrevistador e entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente”.

A entrevista individual é concebida levando-se em conta o respeito à experiência de cada entrevistado, sendo o mesmo valorizado na medida em que se valida no conjunto das enquetes os aspectos que se repetem, ou mesmo os que contrastem do conjunto. Desta forma, o que se pretende é iluminar o *conjunto das individualidades*, visando à construção e ao estabelecimento de um *corpus documental* (MEIHY, 2007).

Inicialmente, os encontros são filmados, para posterior tratamento dos dados coletados. Para tal, o principal recurso utilizado é uma filmadora SONY *Handycam* AVCHD, bem como um tripé FANCIER WT – 3730, que funciona como seu suporte. Além de recurso de gravação, aquela serve como instrumento que facilita o trabalho de transposição das narrativas do oral para o escrito, baseado no pressuposto de que a eletrônica e seus aparatos da “modernidade”, segundo Meihy (2007), são considerados meios essenciais e condições para a realização da história oral e auxiliam a diferenciá-la de *outras* histórias.

Em seguida, as entrevistas passam por duas fases¹: a primeira, denominada transcrição “literal”, ou absoluta, na qual as palavras são transpostas para a escrita em sua forma bruta, as perguntas e respostas de entrevistador e entrevistado permanecem “tal e qual” no momento da entrevista, todavia, apesar do esforço nesta empreita, dificilmente ele pode ser considerado “exato” (PORTELLI, 2001: p. 27). Onomatopeias e sons do ambiente também são reproduzidos na escrita. Na segunda fase, denominada textualização, são eliminadas as perguntas e retirados os erros gramaticais, procurando-se reordenar o texto a partir do “tom vital”, a frase guia que é utilizada pelo pesquisador nesta tarefa (MEIHY, 2007).

Assim, os textos estabelecidos ganham um novo formato, já que inicialmente são construídos pelo pesquisador e levados, posteriormente, à apreciação de cada colaborador. Em virtude da supressão dos posicionamentos, verbalizações e questionamentos do primeiro, pode-se supor que a narrativa em seu formato

1 Em história oral existe uma terceira fase denominada de transcrição. Nessa etapa, o objetivo é a criação de um texto que supere a dicotomia sujeito-objeto (CALDAS, 1999), cedendo lugar aos aspectos sociais como fluxo de ficcionalidades, como rede viva de ficcionalidades, plasma vivo, essencialmente ideológico. Apesar de minha intenção inicial ser de trabalhar com o corpus documental todo transcrito, objetivando o postulado epistemológico de encontro de subjetividades, em função do curto tempo disponível para completar a investigação em razão do prazo delimitado para conclusão do programa de mestrado, não transcrio as entrevistas.

final depende, ou dependeu, exclusivamente do segundo, desconectada da circunstância de sua cocriação. A efetivação de tais procedimentos convoca a reflexão de Portelli a respeito dos mesmos. Em suas palavras:

as entrevistas, como é frequentemente o caso, são arrumadas para a publicação, omitindo inteiramente a voz do entrevistador, uma sutil distorção tem lugar: o texto dá as respostas sem as questões, dando a impressão que determinado narrador dirá as mesmas coisas, não importando as circunstâncias. (PORTELLI, 1997: p. 36).

Considerando, então, que o corte da voz do pesquisador distorce automaticamente a voz do narrador, o passo subsequente neste processo é constituído pelo retorno das narrativas aos colaboradores para sua conferência e validação.

Desta forma, é a partir das entrevistas textualizadas que a pesquisa é desdobrada, ou seja, é neste formato que ocorre a análise das mesmas.

Segundo Meihy (2007), o modo de condução das entrevistas sugere gêneros de história oral, dentre os quais a história oral de vida (HOV) e a história oral temática (HOT).

Guimarães (2010: p. 26), apoiada em Meihy, afirma que “a história oral de vida é realizada por meio de entrevistas livres, sem questionário ou perguntas diretamente indutivas. As gravações são longas e devem captar o sentido da experiência vivencial do entrevistado”.

Por sua vez, na história oral temática, o estabelecimento de um foco “justifica o ato da entrevista em um projeto, recorta e conduz a possíveis objetividades” (MEIHY, 2007: p. 35). Nesse caso, inclusive, a existência de um questionário é “prática decisiva”.

Ainda que não utilize propriamente um questionário na presente investigação, o uso de roteiros de entrevistas elaborados especificamente para cada colaborador é efetivo. Este instrumento contém temas relativos aos meus interesses na pesquisa, tais como a solicitação para comentários sobre a música instrumental, o *jazz* e a bossa nova, compondo com isso, a pergunta de corte. Segundo Meihy (1996: p. 53), pergunta de corte é a que deve estar presente em todas as entrevistas. Desta forma, soa pertinente aproximar esta pesquisa ao gênero história oral temática.

Há outro aspecto a ser ponderado: também pretendo que o colaborador traga para a entrevista seu próprio eixo narrativo e sua temporalidade pessoal (CALDAS, 1999), elementos próprios da subjetividade. Assim, logo após explicar os objetivos do projeto², proponho a cada colaborador que se apresente, diga quem é. Com isso, geralmente a primeira incursão realizada na entrevista é sobre a vida do colaborador.

Assim, compreendo que em minha empreita investigativa exista uma aproximação também com o gênero história oral de vida, pois, em minha compreensão, ela coaduna-se com a proposição de Meihy de que:

Uma história de vida deve contemplar alguns aspectos gerais do comportamento social dos colaboradores. Questões como vida social, cultura, situação econômica, política e religião devem compor a história de quem é entrevistado. De igual relevância é o alcance possível de ser feito em termos de vida privada e vida pública. (MEIHY, 2005: p. 151).

Apesar de Meihy (2007: p. 33) afirmar que “as entrevistas em história oral sugerem gêneros que se distinguem fundamentalmente”, Leite (2008) argumenta que este mesmo autor faz referência, mesmo que “num pequeno parágrafo”, à uma possível combinação das duas abordagens (HOV e HOT). Ressalta ainda que, para Meihy, as propostas são excludentes. Possivelmente, Leite se remete ao seguinte trecho de sua obra:

Há projetos temáticos que combinam algo de história oral de vida. Nestes casos o que se busca é o enquadramento de dados objetivos do depoente com as informações colhidas. Essa forma de história oral tem sido muito apreciada porque com a mescla de situações vivenciais a informação ganha mais vivacidade e sugere características do narrador. (MEIHY, 2005: p. 165).

Ora, ao analisar meu modo de condução das entrevistas, recolhendo inicialmente material acerca das

2 Em termos gerais, antes de cada entrevista, retomo meu papel de pesquisador relatando meus interesses acerca da história do Instituto Anelo ao longo de sua existência, já me remetendo nesse momento ao desenvolvimento da música instrumental em seus projetos. Após esta apresentação vem a proposta para que o colaborador se apresente. Na sequência, os temas elencados no roteiro são observados de acordo com o desencadeamento do encontro.

vidas dos colaboradores para, num segundo momento, me valer do roteiro preestabelecido para cada um deles levando em conta o tema proposto, me inclino a considerar que, efetivamente, o projeto aqui desenvolvido se aproxima da combinação das abordagens história oral de vida e história oral temática, ainda que Meihy pouco tenha desenvolvido teoricamente esta proposta, ou que as considere excludentes.

Em pesquisa sobre a literatura específica a respeito da discussão em torno da distinção entre os gêneros história oral de vida e história oral temática encontro também posicionamentos de pesquisadores como Leite (2008) e Guimarães (2010): ambos consideram as duas caracterizações propostas como idealizações. Para Leite (2008: p. 72), toda entrevista de história oral de vida já é “recortada por um ou mais temas específicos trazidos pelo pesquisador”, bem como “pela própria definição [...] dos critérios de seleção de entrevistados”; para Guimarães (2010), a existência de uma pergunta de corte reafirma aquela proposição. Tais considerações, inclusive, me induzem a ponderar a respeito da própria proposição combinatória como nova idealização.

Muletas da memória

No intuito de suscitar lembranças para auxiliar a reconstrução das histórias narradas pelos colaboradores, utilizo materiais diversos que Von Simson (1998, *in* GUEDES PINTO, 2002) denominou muletas da memória. Também empregadas por Guedes Pinto (2002: p. 123) são definidas como recursos que auxiliam “na ativação da memória das pessoas entrevistadas a partir do uso e manipulação de objetos que possam ser portadores de lembranças e recordações antigas”.

Desta forma, antes de cada entrevista recolho fotografias de cada colaborador junto ao acervo da instituição ou em meu arquivo pessoal, composto ao longo do tempo como admirador do projeto ali desenvolvido.

Para cada colaborador, o número médio de fotos utilizadas é seis, variando de um a nove. É a existência ou não de arquivos de cada um deles que determina, ao menos, o número mínimo de uma fotografia exibida em cada entrevista.

Nesta investigação, o uso destas imagens se aproxima do intuito descrito por Zan (2010: p.150) em seu estudo vinculando os temas do currículo e do cotidiano escolar. Segundo ela “a foto passa a ser reconhecida como reveladora de uma verdade interior, de aspectos culturais que passam a ser traduzidos a partir da imagem fotográfica”. Apoiada em Martins (2002), a autora assume o entendimento de que a fotografia pode ser meio de compreensão imaginária da sociedade.

Com isso, procuro facilitar o trabalho de reconstrução de lembranças e o acesso às memórias dos colaboradores, além de identificar nuances de cunho subjetivo, dos aspectos, significados e sentidos atribuídos individualmente por eles no aqui e agora de cada entrevista para, posteriormente, compreender os sentidos coletivos e sociais acerca da história da instituição. A título de exemplo, eis um trecho da narrativa de Rômulo ao observar uma fotografia no decorrer de sua entrevista:

Esse instrumento ele foi o mais importante que eu já tive assim. Por que é... foi ele que me possibilitou é aprender a fazer coisas que eu resolvo hoje muito rápido no palco, por exemplo... Então, se eu não tivesse esse instrumento eu não saberia fazer esse tipo de coisa. (Rômulo, professor, p. 206 da transcrição).

Além das imagens citadas, também utilizo como muletas da memória, em parte das entrevistas, algumas reportagens sobre o Instituto Anelo. Ao longo de sua história, em virtude de sua aproximação com a mídia campineira, muitas delas foram concedidas e estão disponíveis em forma de vídeos no site Youtube³, ou impressas por jornais de Campinas, acessíveis nos arquivos da instituição. Na ocasião desses encontros, reproduzo alguns dos filmes nos quais os colaboradores da pesquisa estão presentes, ou exibido um pôster contendo a cópia de uma dessas reportagens⁴.

3 www.youtube.com. A título de exemplo, na entrevista realizada com Hernani, utilizei o vídeo Instituto Anelo no Jornal da EPTV Campinas. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=llRafimZK2s>>. Acesso em 19 de dezembro de 2011.

4 Correio Popular. Instituto Anelo começa a exportar talentos musicais – Caderno C 04 de março de 2006.

Ainda compocho parte do material utilizado como muletas da memória com um repertório encadernado contendo partituras musicais exibido durante parte das entrevistas. Trata-se de uma apostila utilizada na instituição com diversas obras do gênero música instrumental e que, em virtude de meu interesse particular pelo mesmo, me fora emprestada por Dorival, um de seus professores. Futuramente ele também viria a se tornar um dos colaboradores desta pesquisa.

Imagino, todavia, que o material musical impresso possa ser incrementado por sua faceta acústica, por supor o terreno pesquisado como propício a isso, ou seja, o ensino de música óbvia e diretamente ligado a sua audição. Assim, compilo via *Internet* parte do mesmo repertório⁵ das músicas em versões MP3 com o intuito de propiciar um momento não só de fruição na investigação, mas, principalmente, que ele funcione também como muleta da memória nos moldes propostos por Olga Von Simson. Assim, o uso dos referidos materiais é simultâneo: os colaboradores folheiam o repertório encadernado durante a execução dos arquivos em MP3.

Para minha surpresa, o uso deste material apresenta resultados consideravelmente importantes no que tange às histórias relatadas pelos colaboradores, já que a partir de sua escuta e concomitante manuseio, eles passam a incorporar diversos sentidos às narrativas, evidenciando o contato com sentimentos diversos, tais como alegria, saudades, entusiasmo, observados em suas expressões faciais, corporais, além de onomatopeias e versões das músicas simultaneamente cantaroladas por eles. Com isso, é possível afirmar o caráter subjetivo composto pelos elementos trazidos à tona na pesquisa que combina os gêneros história oral de vida e história oral temática. Exemplo destas manifestações pode ser observado no trecho abaixo:

Autum Leaves toquei bastante... pam, pam, pam, pam...ts, ts, ts, ts, pam, pam, pam...ts, ts, ts, ts. Eu sinto falta! Principalmente do Janilson da molecada que tocava junto. Principalmente quando era os meninos. A gente tocava sem compromisso. Num tinha a pretensão de ganhar dinheiro com isso. Então era uma coisa muito, muito natural assim. Tocava porque a gente gostava. A gente num tocava porque ‘puxa, vamo tocar porque mais pra frente vai rolar um trampo e a gente precisa tirar uma grana’. Não, a gente tocava mesmo porque uma coisa que a gente gostava. (Levi, professor, p. 15 da textualização).

Além dos sentidos anunciados, é possível observar outros, tais como a ênfase na sociabilidade e no aspecto afetivo decorrente dela, evidenciando-se “a importância dos campos do lazer e da cultura, principalmente na constituição da sociabilidade, das identidades e da formação de valores” (ABRAMO, 2005: p.43) das juventudes.

Com a utilização do recurso auditivo, vislumbro aproximação ao “lembrar-cantando” como detonador da memória de um dos entrevistados pela pesquisadora Olga Von Simson (2005) em sua investida acerca da memória de velhos dirigentes do carnaval paulistano. Segundo a autora:

Muitas vezes ele se utilizava do recurso de lembrar-cantando o samba enredo de determinado ano para, em seguida, reconstituir as lutas e dificuldades para “colocar na rua” o carnaval daquele ano. A utilização do recurso da música como detonador da memória deveria ser para ele uma experiência já vivenciada anteriormente, pois esse entrevistado não dispensava a companhia do seu pandeiro para realizar a tomada dos depoimentos orais. (VON SIMSON, 2005: p. 22).

A proximidade do relato de Von Simson com a entrevista realizada com Michel Leme é no mínimo curiosa, já que, mesmo antes de iniciarmos a conversa, ele me pergunta se fará uso da guitarra, ao que respondo que possivelmente não. Ainda assim, ele pluga o instrumento e fica com ela no colo durante todo o tempo do encontro.

Outros fatos importantes, a meu ver, decorrem desta proposta metodológica: apesar de ser executadas em média quatro ou cinco músicas em cada entrevista, a resposta despertada por elas é quase que instantânea, visto que os colaboradores quase imediatamente após o primeiro acorde da música inicial já passam a se manifestar a respeito, desencadeando os elementos supracitados, evidenciando seu caráter de “detonador da

5 As músicas que compõem o arquivo auditivo da pesquisa e seus respectivos intérpretes são: The chicken - Jaco Pastorius; Affirmation - George Benson; Black Orpheus - Luiz Bonfá; Blue Bossa - George Benson; Cantalupe Island & Dolphin Dance - Herbie Hancock; Goodbye Pork Pie Hat – versão de Jeff Beck; Equinox - John Coltrane; Autum Leaves - Miles Davis & John Coltrane; All Blues - Miles Devis; Stella By Starlight - Tommy Flanagan & Kenny Barron e Tune Up - Wes Montgomery.

memória”. Por sua vez, o número de músicas executadas fica submetido ao próprio andamento da entrevista e às manifestações de cada colaborador.

Uma variável considerada quando destas execuções diz respeito ao nível de concorrência entre os volumes da música tocada e da voz do colaborador, sendo priorizada sempre a última. Ao se mostrarem fortemente aquecidos para falar a partir da proposta, a diminuição do volume do dispositivo eletrônico⁶ utilizado facilita a audição de nossas vozes, bem como a continuidade da entrevista.

Desta feita, identifico o momento de audição das músicas em conjunto com o repertório encadernado, como elementos que vão ao encontro dos propósitos da presente investigação, já que se mostram facilitadores na emissão de sentidos e significados acerca dos processos educativos vivenciados pelos colaboradores ao longo da história da instituição a partir do trabalho mnemônico de cada um deles no momento da entrevista.

Conclusão

Diante do desafio de compreender sentidos e significados acerca dos processos educativos experienciados pelos jovens constituintes da trajetória do Instituto Anelo – Campinas (SP) é possível afirmar a efetividade da metodologia da história oral e, em particular, o uso de muletas da memória.

Além de registrar sua história, foi possível identificar múltiplos significados desta experiência para aqueles sujeitos, propensos ao esquecimento e à exclusão social.

Ao auxiliar na reconstrução de parte da história da instituição e problematizar sua ação na construção da identidade e memória coletivas daqueles jovens, a metodologia da história oral se evidencia viável para pesquisas em torno das juventudes e se mostra significativa em relação a projetos desenvolvidos em torno de práticas culturais, tais como a música.

Nesse sentido, o uso de muletas da memória se ratifica com alto potencial de ativação mnemônica. Ressalto, dentre os objetos utilizados com este propósito, os arquivos em MP3 executados durante as entrevistas. Ao suscitar ampla e intensa gama de respostas dos colaboradores observáveis nas entrevistas filmadas, é possível afirmar sua viabilidade e eficácia diante das intenções elencadas na pesquisa.

Por fim, ainda que neste artigo não aprofunde teoricamente a discussão acerca da combinação entre os gêneros história oral de vida e história oral temática, reconheço como apropriada esta articulação.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO H.W. & BRANCO P. P. M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- BENJAMIM, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BONFÁ, Luis. *Black Orpheus*. Paulo Flores, Book 5R – II V IM/m, p. 6. Sem data.
- BRENNER, A. K, DAYRELL, J. e CARRANO, P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. *In*: ABRAMO, H. e BRANCO, P. P. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. SP: Ed. Perseu Abramo, 2005.
- CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade, texto e história – Para ler a história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- COLTRANE. John. *Equinox*. Sem data, p. 1.
- DAVIS, Miles. *All Blues*. Sem data.
- _____. *Tune – up*. Sem data.

⁶ Os dispositivos eletrônicos utilizados como reprodutores de arquivos de áudio e vídeo na pesquisa são: um notebook Itautec N8320, um tablet IPAD 1 - 32 Gb da APPLE e um telefone celular SAMSUNG B7320 Omnia Pro 3G.

- DAYRELL, Juarez e GOMES, N. *A juventude no Brasil* (2005), (no prelo).
- DORHAM, Kenny. *Blue Bossa*. Paulo Flores, Book 5R – II V IM/m. Sem data.
- FELICIANO, Jose. *Affirmation*. Feliciano Enterprises, 1976. Sem data.
- GUEDES PINTO, Ana Lúcia. *Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora: a leitura como prática constituinte de sua identidade e formação profissionais*. Campinas: Mercado das Letras: Faep/Unicamp: São Paulo: Fapesp, 2002.
- GUEDES PINTO, A. L. G. e ZAN, D. D. P. e, História Oral e Educação: relato de experiência com a rede de ensino de Jarinu/SP. In: *Idéias e argumentos: revista de divulgação científica do Centro Unisal*. Ano 3 - ns 7 e 8 - 1 e 2 semestres de 2003.
- GUIMARÃES, Áurea Maria. “Vidas de Jovens Militantes”. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Educação. Universidade estadual de Campinas, 2010.
- HANCOCK, Herbie. *Cantaloupe Island*. Sem data, p. 1.
- _____. *Dolphin Dance*. Paulo Flores, Book 5R – II V IM/m, p. 16. Sem data.
- INSTITUTO ANELO. *Instituto Anelo - 10 anos: Cultura, Arte e Educação*. Documento de apresentação do Projeto. Campinas, 2010.
- INSTITUTO ANELO no Jornal da EPTV Campinas. EPTV Campinas. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=llRafimZK2s>>. Acesso em 19 de dezembro de 2011.
- LEITE, Tarcísio de Arantes. (2008) O dilema da interferência na História Oral: novos problemas e novas respostas. In: *Revista de História Oral*. Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Ano 2, nº 3 (jan./jun.). S.P. NEHO, p. 65-82.
- MARTINS, Joszee de Souza. A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil. In: _____ Fotografia, currículo e cotidiano escolar. *Pro-Posições*. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação – Campinas, SP, v. 1, n. 1, mar. 1990, pp. 149-161.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- _____. (Org.) *(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- MERCER, Johnny. *Autumn Leaves*. Sem data, p. 1.
- MINGUS, Charles. *Goodbye Pork Pie Hat*. Paulo Flores, Book 5R – II V IM/m, p. 2. Sem data.
- PASTORIUS, Jaco. *The Chicken*. Sem data.
- PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. *Proj. História*. São Paulo, (2), jun. 2001, pp. 09-36.
- _____. O que faz a história oral diferente. *Proj. História*. São Paulo, (14), fev. 1997, pp. 25-39.
- VON SIMSON, Olga R. de Moraes. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac São Paulo, 2005.
- _____. Memória e identidade sócio-cultural. In: GUEDES PINTO, Ana Lúcia. *Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora: a leitura como prática constituinte de sua identidade e formação profissionais*. Campinas: Mercado das Letras: Faep/Unicamp: São Paulo: Fapesp, 2002.
- YOUNG, Victor. *Stella by Starlight*. Paulo Flores, Book 5R – II V IM/m, p. 28. Sem data.
- ZAN, Dirce Djanira Pacheco e. *Estudos sobre juventude no Brasil dos últimos 50 anos* (no prelo).
- _____. Fotografia, currículo e cotidiano escolar. *Pro-Posições*. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação – Campinas, SP, v. 1, n. 1, mar. 1990, pp. 149-161.

Instituto Anelo começa a exportar talentos musicais

Augusto de Paiva/AAN

/ DEDICAÇÃO /

Alunos da ONG que ensina música na periferia de Campinas ganham bolsas de estudo em escolas de prestígio

Carlota Cafiero

DA AGÊNCIA ANHANGÜERA
carlota@rac.com.br

O que era para ser apenas hobby de adolescente se transformou em um projeto social que hoje abrange 150 jovens por ano e já beneficiou mais de 1,5 mil pessoas ao longo dos seis anos de existência. O Instituto Anelo, fundado no Jardim Florence I, na região do Campo Grande, periferia de Campinas, foi "obra" do pianista Luccas Soares, de 26 anos, que cresceu no mesmo bairro, onde formou uma banda musical, hoje a ONG (Organização Não-Governamental) Instituto Anelo.

A ONG ensina, de graça, música para crianças, adolescentes e jovens através de uma equipe de cerca de 30 voluntários. Os alunos recebem os instrumentos musicais e aprendem teclado, piano, cavaco, baixo, bateria, flauta e canto. Além da música, há aulas de pintura em tecido, artesanato e reforço escolar nível primário e preparatório para vestibular.

"O Anelo surgiu em minha casa, quando eu e alguns amigos músicos nos reuníamos pa-



Integrantes da ONG Anelo: reconhecimento pelo trabalho

para arrecadação de instrumentos, e o resultado foram 50 doações (inclusive um piano).

Dessa forma, a Anelo pôde abrir 50 novas vagas. "Antes, atendíamos cem crianças e adolescentes por ano. Em 2006, poderemos atender 150", comemora Soares, que revela que a procura pelos cursos ultrapassa a região do Campo Grande. "Aqui temos gente até de cidades vizinhas, e não fazemos distinção de classe social. Há alunos cursando música que são trazidos pelos pais, de carro."

Este ano, o Anelo firmou parceria com a Faculdade Souza Li-

bolsas integrais para o Berklee College of Music, em Boston, nos Estados Unidos. A parceria foi possível graças à ponte feita pelo pianista Guilherme Ribeiro (que foi voluntário na ONG) entre o Anelo e o Souza Lima.

Soares comemora também a admissão do clarinetista Raphael Henrique Moraes de Silva, de 20 anos, no Conservatório Dramático e Musical "Dr. Carlos de Campos", de Tatuí, considerado um dos melhores da América Latina.

A ONG conta com apoio de comerciantes da região e do Estação Santa Fé Pizza Bar, redu-